

# ***O prazer como o local do “não dito”: discursos e relações juvenis sobre sexualidade(s) e gênero***

*Ane Talita da Silva Rocha*  
*mestranda em Antropologia Social (PPGAS/USP)*  
*Prof<sup>a</sup> orientadora: Heloisa Buarque de Almeida (Antropologia/USP)*

## ***Introdução***

Normalmente quando pensamos em pesquisas sobre sexualidade e juventude, nos vêm à cabeça questões como a gravidez na adolescência e a prevenção de DST/AIDS, a partir de um viés muitas vezes prescritivo, em que as experiências dos sujeitos são problematizadas em termos de prevenção e mudanças de comportamentos, sem que as relações e a visão de mundo desses atores sejam levadas em conta. Por outro lado, vivenciar experiências prazerosas, em que se busca sair do controle social e da pauta familiar, seja no âmbito da sexualidade ou não, é muito valorizado nessa fase da vida.

Partindo de uma perspectiva dos estudos de gênero, procurei compreender como as experiências sexuais são colocadas em discurso por jovens estudantes de uma escola pública de ensino médio, atentando para a forma como o “prazer” aparece em suas falas (será que o gênero construído socialmente influi nos discursos acerca do prazer? De que maneira?). Tomei como hipótese que o prazer sexual não é frequentemente colocado no plano do dizível porque traria à baila discursos que demonstrariam as disparidades nas relações de gênero numa população que se acredita mais “esclarecida”.

Este texto baseia-se numa pesquisa etnográfica realizada durante o ano de 2010, nessa escola da cidade de São Paulo. É importante ressaltar a dificuldade enfrentada para encontrar uma escola que aceitasse a realização da pesquisa, a partir da qual podemos problematizar o lugar da sexualidade ali: o “medo” que a sexualidade do adolescente provoca em pais e educadores, o sexo é lugar do “perigo” (de uma gravidez precoce, que perturbaria todo um projeto de vida que essa/e jovem possa ter), da “transgressão” e da “doença” (sobretudo depois do advento da AIDS). O prazer não seria um tema de interesse, uma vez que a questão da contracepção e da prevenção às doenças sexualmente transmissíveis seriam primordiais nesse momento em que o jovem conquista uma maior autonomia sobre o seu corpo.

Nesse sentido notamos uma biologização/medicalização do debate acerca da sexualidade juvenil, que dessa forma ganha espaço na esfera pública através da suposta vulnerabilidade dos jovens.

“Na última década, o incremento de pesquisas sobre os comportamentos sexuais e reprodutivos de jovens brasileiros, tem como intuito, não apenas retratar as práticas dessa população, mas, principalmente, proporcionar informações que possibilitem a promoção de sua saúde preventiva, mais especificamente das doenças sexualmente transmissíveis (DST)

e do HIV/AIDS, ao mesmo tempo em que busca proporcionar a possibilidade de planejamento de gestações, para que essas não ocorram de forma indesejada” (FIGUEIREDO, 2008).

Assim, percebemos que a preocupação se volta cada vez mais para uma noção de educação sexual.

### ***Objetivos***

A partir de uma pesquisa realizada na cidade de São Paulo (PIROTTA, 2008), que buscava problematizar a questão da educação sexual nas escolas de ensino médio, através da análise dos temas tratados e dos temas que os jovens gostariam que fossem abordados, pude perceber que questões como as relações de gênero, o corpo, o prazer, a homofobia e o desejo não eram discutidos de forma satisfatória de acordo com os estudantes.

Esse cenário me suscitou algumas reflexões sobre porque as relações de gênero e as questões sobre desejo e prazer estão fora das abordagens da educação sexual. O prazer, as relações de gênero, a homofobia são lugares do não dito nas escolas e muitas vezes na sociedade em geral, principalmente entre os jovens com idade entre 15 e 18 anos. Considero a escola como uma instituição política e não apenas técnico-educativa, que dessa forma terá que lidar com a regulação e a norma. Mas não só, terá também que se ater ao conflito que ainda não se constituiu como fala, mas pode ser encontrado nesse silêncio sobre alguns assuntos.

A sexualidade tida como lugar de perigo, conforme argumentei no começo deste texto me leva a problematizações na linha de Mary Douglas em “Pureza e Perigo” (1976). A impureza é o lugar da desordem, onde há impureza temos uma certa normatividade que teme-se que seja violada. A autora pensa o corpo como metáfora da sociedade, “é o modelo por excelência de todo o sistema finito. Os seus limites podem representar fronteiras ameaçadas ou precárias. Como o corpo tem uma estrutura complexa, as funções e as relações entre suas diferentes partes podem servir de símbolos para outras estruturas complexas” (1976, p.138). Toda margem se torna perigosa (ou seja, tudo que saia do discurso hegemônico), pois qualquer estrutura de ideias é vulnerável em seus limites. Limites que algumas vezes podem descortinar relações de poder hegemônicas até então pouco (ou nada) problematizadas. É algo nesse sentido que ocorre em relação ao prazer sexual. “Estar à margem significa estar em relação com o perigo, tocar numa fonte de poder” (1976, p.118). Parto do pressuposto de que o prazer é de certa forma uma fonte de poder, no sentido que toda relação sexual parte de uma negociação e do exercício de poder, porém segundo José Olavarria (1999) essa negociação traria implícito em muitos casos, uma relação desigual entre os atores, em que a pessoa responsável pelo papel feminino, quando há essa “personagem” (seja biologicamente mulher ou não), teria menos poder de barganha na negociação do jogo e conseqüente prazer sexual. “Haveria múltiplas formas de negociação. De acordo com relatos, cada um teria sua forma, com carícias,

sorrisos, ofensas, sinais, gestos, palavras, gritos, ameaças ou golpes. Porém, de alguma maneira, seu uso estaria condicionado pelo respeito que existisse entre ambos e pelo nível de satisfação/frustração em torno da relação amorosa (quando há) e da sexualidade. No campo das relações sexuais, o que se negociaria seria a satisfação do desejo e do prazer” (OLAVARRÍA, 1999).

O esforço de colocar essa questão no plano do dizível, visível e contável pode ajudar a colocar em debate as relações de gênero e poder que são disseminadas desde o início da vida sexual dos jovens, nas quais o modelo heterossexista e homofóbico se perpetua sem problemas. Aí se encontra o perigo e a impureza do tema: a possibilidade de trazer à baila discursos que demonstrariam as disparidades nas relações de gênero numa população que se acredita que seja de certa forma mais “esclarecida”, afinal esses jovens vivem em tempo de liberdade sexual (outro perigo), de informações supostamente disseminadas etc.

### ***Metodologia***

A metodologia utilizada nesta pesquisa baseia-se na abordagem antropológica e quantitativa/qualitativa, embora com ênfase na análise qualitativa, uma vez que o objetivo era problematizar os discursos dos jovens alunos. A etnografia realizada durou cerca de oito meses (entre abril e novembro de 2010), nos quais frequentei a escola em média duas vezes por semana, permanecendo todo o período da aula (das 07:00h às 12:20h). Essa estratégia foi fundamental para a construção de laços de confiança com os alunos, que no momento das entrevistas, mostraram-se dispostos a compartilhar suas experiências.

Foram realizadas quinze entrevistas em profundidade com alunos de diversas orientações sexuais: cinco garotos que se consideram heterossexuais, seis meninas que se consideram heterossexuais, dois meninos que se consideram gays, uma menina que se considera homossexual, e uma menina que não sabe a sua orientação sexual.

Devido algumas particularidades da escola na qual se realizou a pesquisa, apliquei um questionário para os alunos, no qual procurei captar a estratificação social, o arranjo familiar e o consumo cultural dos jovens<sup>1</sup>, a partir do que construí um banco de dados no excel. Os dados quantitativos são considerados importantes nesta pesquisa, afim de que possamos ter uma visão geral do ambiente escolar.

Além dos questionários e das entrevistas, foram realizados quatro grupos focais, com alunos do terceiro ano: dois com meninas e dois com meninos, os alunos foram separados por sexo, para que assim pudessem falar mais livremente sobre o assunto proposto, o prazer sexual. Para o grupo focal utilizei-me de trechos do Programa PODSEX, que foi exibido pela MTV no ano 2009, no qual

---

<sup>1</sup> Apliquei o questionário para uma amostra de 260 alunos. A escola possui 290 alunos no período da manhã – dados da secretaria.

duas apresentadoras falavam sobre temas relacionados à sexualidade. A escolha do programa se deu devido à aproximação que os jovens têm com esse canal e por se tratar de um programa que trata explicitamente sobre sexualidade. O trecho escolhido foi exibido no programa do dia 31/07/2009, especial sobre o dia do orgasmo. A princípio gostaria de um trecho que tratasse sobre diversos assuntos, mas no contato com a MTV soube que eles arquivaram poucos episódios e este foi o que me pareceu mais apropriado (dentre os disponíveis). Importante ressaltar que temos uma autorização da emissora para utilizar os trechos do programa na pesquisa.

Também me vali de muitas conversas informais com os alunos, nas quais me contavam os acontecimentos do final de semana e as últimas novidades da escola. Essas conversas informais trazem muitas informações a respeito das categorias classificatórias em jogo nas relações, além de focar a partir das quais certas hierarquias de gênero, raça, sexualidade, classe e estilo são acionadas.

Foram utilizados termos de consentimento livre e esclarecidos durante a pesquisa, lidos e assinados por mim e pelo/a entrevistado/a ou participante de grupo focal. Uma cópia foi disponibilizada para o/a jovem e outra ficou com a pesquisadora. Além disso, também contamos com autorização da coordenação da escola para a realização da pesquisa.

## ***Resultados da Pesquisa e Discussão***

### ***O contexto escolar***

A escola pública na qual a pesquisa de campo se realizou localiza-se num bairro de classe média-alta da cidade de São Paulo e possui fama de ser uma “escola modelo” devido aos inúmeros projetos sócio-educativos em que está inserida. Possui dez salas de aulas, mas até o ano de 2009 apenas cinco destas eram utilizadas, uma vez que, devido a sua localização, não atraía alunos de bairros mais periféricos. Diante da ameaça de fechamento do estabelecimento por parte da diretoria de ensino, a direção da escola realizou um amplo trabalho de divulgação em escolas de ensino fundamental a fim de que a demanda por vagas crescesse. Deu resultado: em 2010, pela primeira vez, as dez salas de aulas foram ocupadas, sendo que cinco delas por alunos do primeiro ano. Percebe-se claramente que a direção da escola não estava preparada para esse “boom” no número de alunos, principalmente com relação à disciplina que se espera por parte dos jovens, uma vez que entre os meses de março e junho (do ano de 2010), cerca de dez alunos foram “convidados a se retirar”<sup>2</sup>, seja por problemas com drogas ilícitas<sup>3</sup>, seja por problemas de “comportamento”.

A entrada de novos alunos parece demarcar uma nova clivagem de classe social dentro da

---

<sup>2</sup> Expressão usada tanto pelos jovens quanto pela direção da escola para se referir à expulsão dos alunos.

<sup>3</sup> Um número expressivo de alunos da escola consome drogas ilícitas. Para se ter uma ideia, dos 15 alunos que entrevistei, 12 deles declaram usar drogas regularmente (sobretudo maconha, mas o consumo de cocaína também foi relatado).

escola. Se entre os alunos do terceiro ano, 32% são oriundos de escolas particulares; entre os do primeiro ano esse número cai para 18%<sup>4</sup> (número que ainda pode ser considerado alto, se comparado com o de outras escolas públicas da cidade). Se grande parte dos alunos do primeiro ano prefere escutar *funk*, pagode e *black*; muitos alunos do terceiro ano gostam mais de rock e música eletrônica. Se entre os alunos do terceiro ano, vemos um predomínio do estilo “happy rock”<sup>5</sup>, com suas botinhas “*nike*”, calças, óculos e cabelos hiper coloridos, não temos a mesma adesão a esse estilo por parte dos novos alunos. “*Nessa escola tem muito 'colorido', não tô acostumado com isso não. Na minha outra escola, não se via essas coisas*” (Pedro, 16 anos, aluno do primeiro ano)<sup>6</sup>.

Além dessa heterogeneidade de classe social e estilos, outra característica importante dessa escola é a diversidade sexual que nela encontramos. Casais gays e lésbicos podem ficar abraçados e se beijar na hora do intervalo, correm histórias de alunas que *ficam* com amigas, os alunos homossexuais não têm vergonha de se “assumirem” no ambiente escolar. Entre os 260 alunos que responderam ao questionário, 9 se declararam homossexuais (três meninos e seis meninas); 16 declararam-se bissexuais (todas meninas) e 7 disseram que ainda não sabem sua orientação sexual (todas meninas). Entretanto, apesar da aparência de extrema liberalidade, conforme vamos acompanhando o cotidiano dos alunos, percebemos a homofobia que se esconde atrás dessas cortinas. A fala de Paulo, aluno do terceiro ano, resume o que ouvi de muitos outros garotos, “*eu acho muito feio isso (homossexualidade), acho estranho, não gosto. Mas como aqui (na escola) acham que é normal, eu fico na minha*”.

### ***Juventude(s) e Sexualidade(s)***

Como dito anteriormente a escola mostrou-se um ambiente que podemos observar formas diversas de performatividades de gênero (BUTLER, 1999), uma vez que há casais heterossexuais, casais homossexuais compostos tanto por meninas quanto por meninos, além de meninas que “ficam” tanto com meninos quanto com meninas e se consideram heterossexuais.

Apesar do fato do gênero ser extremamente marcado nas relações heterossexuais vivenciadas por estes jovens, as garotas possuem maior performatividade de gênero (BUTLER, 1999), uma vez que muitas delas “ficam” com outras meninas, sem necessariamente se

<sup>4</sup> Os dados quantitativos foram coletados através do questionário que apliquei em todas as classes da escola.

<sup>5</sup> Happy rock é a expressão utilizada para designar bandas que se enquadram no “rock feliz” em evidente contraposição ao estilo que anteriormente predominava no cenário musical jovem, o “emo”. A expressão foi criada pela banda Restart. Segundo um fórum de discussão de fãs de happy rock, ele é “um rock mais feliz, menos agressivo. Bandas que abusam de um visual mais 'contra padrões' do rock, usando peças e acessórios bem coloridos. Preferem falar de amor e 'festas' em suas composições, de uma maneira nada melancólica e nada pra baixo”.

[http://www.divirtase.uai.com.br/html/sessao\\_19/2010/06/05/ficha\\_musica/id\\_sessao=19&id\\_noticia=24882/ficha\\_musica.shtml](http://www.divirtase.uai.com.br/html/sessao_19/2010/06/05/ficha_musica/id_sessao=19&id_noticia=24882/ficha_musica.shtml). Acessado em 03/11/2010.

<sup>6</sup> Aqui podemos notar a relação entre estilos e classe social (BOURDIEU, 2007), onde esse aluno oriundo de uma instituição localizada na periferia da cidade não tinha “coloridos” entre seus colegas de escola. O estilo aqui também é encarado como um operador de diferenças (FACCHINI, 2008).

identificarem como “bissexuais”. Para os meninos essa “*flexibilidade*” é impossível, uma vez que existe uma fronteira bem demarcada entre o “ser homem” e o “ser gay”. Porém, quando entrevistei algumas dessas meninas, pude perceber que essa “ficada” baseia-se sobretudo em beijos, não havendo qualquer tipo de “pegação” mais forte. A única entrevistada que narrou ter “transado” com outra menina (e que se considera heterossexual), salientou que não tocou na garota, sendo apenas “passiva” (FRY, 1982), “quando eu transei com menina ela que colocou o dedo em mim, eu não coloquei o dedo nela...Credo!!! que nojo!”<sup>7</sup>. Outra entrevistada disse que fica com garotas por “curiosidade” e que essa prática lhe ajuda a “se descobrir”, pois ainda não sabe qual é a sua orientação sexual<sup>8</sup>.

Nas histórias que me foram relatadas, o corpo tem um papel fundamental, as experiências são subjetivadas e colocadas em discurso por esses sujeitos através da sua corporificação (WACQUANT, 2002). As experiências vividas pelos corpos juvenis são de importância particular em seus discursos, de modo que podemos pensar, assim como Wacquant, na “necessidade de uma sociologia não somente do corpo, no sentido de objeto, mas também a partir do próprio corpo como instrumento de investigação e vetor de conhecimento” (WACQUANT, 2002, p.12). Um achado empírico importante é o fato de que embora as meninas tenham essa maior “flexibilidade”, elas “desconhecem” o próprio corpo, no sentido de que não se tocam, não se masturbam e não chegam ao orgasmo nas relações sexuais, e no caso dos garotos acontece exatamente o oposto. Um exemplo disso é a fala da garota que “transou” com outra menina, mas que não tocou nela por “nojo”. Essa categoria apareceu de forma enfática durante a pesquisa de campo. Esse nojo do próprio corpo está no discurso da grande maioria das jovens pesquisadas, quando conversávamos sobre masturbação.

Durante o trabalho de campo, pude começar a compreender como essas performances corporais são acionadas nas brincadeiras entre os jovens e o sentido de construção de uma “identidade” que lhes são devidas, o cigarro vira um “pênis” na mão da menina, que o encosta na vagina e faz movimento sensuais para as amigas; uma garota encosta um isqueiro na vagina da colega ao que ela responde: “*aqui já está fervendo*”. No intervalo observamos a disposição dos corpos no pátio, com meninas bastante arrumadas passeando de um lado para o outro numa clara tentativa de serem vistas, ao passo que os meninos ficam mais parados e observam o movimento das garotas. Meninas se exibindo, meninos cobiçando. Ainda resta entender melhor até que ponto

<sup>7</sup> Regina FACCHINI (2008) problematiza o fato de que tanto no senso comum, quanto entre profissionais de saúde, especialmente ginecologistas, práticas que não envolvam a penetração de pênis em ânus ou vagina não costumam ser consideradas como sexo, mostrando que muitas mulheres com práticas homoeróticas classificam diferentemente suas práticas como sendo eróticas ou não, sendo considerados o contexto em que a relação se dá, o grau de intimidade entre as envolvidas, uma hierarquização de práticas mais ou menos “íntimas”, o fato das parceiras estarem vestidas, ou não, no momento da prática, o fato da prática produzir, ou não, orgasmo na parceira, entre outros (pp. 44-45).

<sup>8</sup> Em seu trabalho sobre gênero e identidade sexual no contexto igualitário, HEILBORN (2004), apesar de pesquisar adultos de camadas médias intelectualizadas, também chama a atenção para este ponto, pois para seus sujeitos de pesquisa a experimentação de relações amorosas é percebida como um laboratório, e é dentro dessa moldura que se pode entender o apelo que a bissexualidade exerce naquele contexto.

isso está de acordo com a lógica de gênero tradicional e qual o real poder de negociação das meninas em seus desejos.

A escola, junto com a praça que se localiza em frente, torna-se um ambiente de sociabilidade para além do horário das aulas. Os jovens costumam conversar na praça, jogar bola na quadra e paquerar no pátio por pelo menos duas horas após o término das aulas. Muitos casais aproveitam esse “tempo livre”, pois a escola é o único ambiente onde podem se ver (já que não estão “namorando sério”, não podem levar os parceiros em casa, além disso muitas mães não deixam as meninas mais novas – 14 ou 15 anos – saírem).

Numa tarde como outra qualquer, a inspetora da escola flagrou um casal de alunos “transando” numa das salas de aula que estavam vazias (segundo os alunos, não é a primeira vez que isso acontece). Esse episódio nos traz diversos elementos para reflexão. O primeiro ponto para o qual eu gostaria de chamar atenção é o encaminhamento que a escola deu para o caso: imediatamente os pais de ambos os alunos foram avisados, entretanto apenas os pais da menina tiveram que comparecer na escola para prestar esclarecimentos à direção. Segundo Daniel<sup>9</sup> me contou, o coordenador apenas ligou para sua casa e conversou com seu pai. Ao chegar em casa, o pai perguntou o que tinha acontecido, ao que ele respondeu: “*Você sabe, já ligaram para cá*” e o pai em resposta apenas deu um sorriso de cumplicidade, não tocaram mais no assunto. Já para Daiane, as coisas foram bem diferentes: além de seus pais terem que comparecer na escola, a garota faltou às aulas durante uma semana (no dia seguinte, Daniel estava na escola normalmente), devido à vergonha que sentia diante do comentário dos outros alunos. Os comentários dos alunos também nos levam a pensar sobre a moralidade envolvida nas suas relações. É interessante pensarmos sobre a situação vivenciada por esses jovens, que os levam ter a sala de aula como o único local em que poderiam ter intimidade. Conversando com algumas alunas sobre este ponto, elas me disseram:

“A gente tem fazer [manter relações sexuais] nos lugares mais improváveis possíveis, o que para pessoas mais velhas é fantasia, para a gente é a única opção. Não temos onde ficar, em casa é a maior marcação cerrada, então se a gente está na escola depois da aula, por exemplo, eles acham que a gente tá jogando vôlei” (Luana, 16 anos, aluna do 2º ano).

Numa conversa com diretora da escola sobre esse caso ela me relatou que chamou os dois alunos para conversar, mas que foi mais dura com a menina, pois

“ela é responsável pelo seu corpo, não pensou nas consequências do ato, com quantas meninas o garoto já poderia ter transado, nem na possibilidade de uma gravidez ela pensou. Imagina! O menino ganha R\$ 400,00 por mês, como vai sustentar uma mulher e filho? (...) Todo mundo quer 'virar o olhinho', mas pensar no que pode acontecer, ninguém pensa”.

A diferença de moralidade sexual para o menino e a menina é evidente – é ela que não deveria fazer, ele estava apenas na posição normal de “homem”, segundo a crença heteronormativa.

---

<sup>9</sup> Rapaz envolvido no caso. Esse casal está namorando (Daniel e Daiane) há 6 meses e sempre são vistos juntos em cenas de carinho. Todos os nomes foram trocados afim de manter a privacidade dos sujeitos de pesquisa.

Uma “Semana da Saúde” foi organizada pela escola depois desse acontecimento, pois segundo a direção, falta orientação aos jovens e é isso que a escola deve proporcionar. Segundo Salete (diretora da escola),

“o objetivo é orientar as meninas sobre as suas responsabilidades, pois basta tocar nos meninos que eles já ficam 'daquele jeito', nesse caso, a menina é que deve ser responsável, somente ela. Além disso, vamos aproveitar para falar sobre o 'homossexualismo', pois este é um problema que muitas escolas estão enfrentando. Muitos meninos se sentem acuados pelas meninas e acabam virando gays, sem contar com essa moda de emos... No fundo é uma situação muito triste”.

Nesta fala temos claramente duas contradições: primeiro, a escola se orgulha de ser um ambiente tolerante quanto à orientação sexual de seus alunos (e é essa imagem que “vende” para a diretoria de ensino), mas no discurso da direção e da coordenação, vemos que os preconceitos e a heteronormatividade estão claramente presentes; segundo, se basta tocar nos meninos para que fiquem 'daquele jeito' como eles podem se sentir acuados diante do suposto assédio das meninas de modo que acabam “virando gays”? Nesse discurso percebemos uma culpabilização das garotas em todos os casos.

Os alunos deveriam produzir cartazes que seriam espalhados pela escola durante a semana temática. Eles foram divididos em três temas: sexualidade, drogas e projeto genoma (!). Analisando os cartazes com a temática sobre sexualidade percebemos que eles são bastante ilustrados, a maioria traz preservativos colados ou desenhos diversos, como por exemplo uma mulher de cabeça para baixo fazendo sexo oral no homem; uma mulher “de quatro” e um homem a penetrando ou uma mulher sentada e um homem a penetrando. Interessante como em todos os casos a mulher é “passiva” na relação, temos um claro controle masculino nas imagens. A partir disso podemos ter uma ideia do que se passa no imaginário dos alunos. Outro fato que merece destaque é que a temática homossexual não foi tratada em nenhum trabalho (apesar do fato de terem alunos homossexuais na escola). Comentando sobre os desenhos, Danilo (o coordenador da escola) diz o seguinte:

“Olha a imaginação deles: mulher de quatro, 69...Sempre sem nenhum envolvimento, como se a mulher fosse uma cadela... Não é machismo meu, mas a culpa dessa mudança de comportamento é da mulher. O homem não mudou seu jeito e a mulher mudou. Esse é o problema. Elas conseguiram muitas coisas boas, mas outras nem tanto...O homem já tem o seu instinto, aí vem uma menina e se ele não quer, ela chama ele de bicha...quem vai se arriscar?”.

Novamente as meninas aparecem como “culpadas” pela possível homossexualidade dos garotos, além da suposição de que o homem tem um “instinto” sexual, que, se for “normal”/heterossexual, não vai conseguir resistir à uma menina “dando mole”, aqui uma retórica bastante antiga e arraigada sobre os comportamentos esperados para os dois gêneros é acionada por



um profissional da educação, importante pensarmos sobre o papel da escola para uma possível mudança de paradigmas de gênero e sexualidade, o qual atualmente é bastante coercitivo não apenas para as meninas, mas também para os meninos que não se encaixam nessa lógica heteronormativa.

### ***Juventude(s) e relações de gênero: os discursos sobre o prazer***

Apesar da aparente liberalidade sexual que se vê no ambiente escolar, os estereótipos de gênero agem a todo momento nas relações entre os jovens pesquisados. A menina ainda é vista como diferente ao menino, *“por mais que ela procure agir que nem o homem, não tem como. Ela não tem aquele...Sabe? O menino pensa na razão e a menina pensa no sentimento. Por mais que a menina tente pensar na razão, ela não vai conseguir nunca”* (Vanessa, 17 anos), não podendo fazer as mesmas coisas que eles fazem, principalmente no tocante à sexualidade. O menino que “pega” várias garotas ainda é visto como “o cara” e a menina que fica com vários garotos é a “vaca”:

“o homem ainda é preconceituoso em relação à mulher, em questão de ah...se a menina fica com todo mundo, ela é puta. O homem não, se o homem fica com todo mundo não, ele é o bambambam, ele é “o cara” né... Eu também acho isso, que a menina tem que se preservar (...) Antes de ficar com uma menina eu procuro saber antes qual é a dela, e dependendo eu vou só pra aproveitar porque ninguém é bobo...” (Cauã, 18 anos).

Esse tipo de concepção está presente tanto na fala dos meninos quanto das meninas, *“as meninas de hoje em dia, pelo amor de Deus, tão muito putas!”* (Luiza, 16 anos). A partir disto, podemos pensar que o acesso a muita informação<sup>10</sup> e o fato de serem considerados mais “liberais”, não muda o discurso vigente entre eles, que ainda é extremamente opressor.

Em geral, as meninas procuram mostrar que são “descoladas” e que possuem total liberdade sobre o próprio corpo, porém, quando das entrevistas e dos grupos focais, elas se mostravam muito mais “inexperientes” e “recatadas” do que poderíamos imaginar a partir da “performance” que elas fazem quando estão com seu grupo de pares (seja no intervalo, seja na praça, onde os alunos ficam quando saem mais cedo da escola). Podemos pensar que essa necessidade de parecer “esperta” e “descolada” é um dos resultados paradoxais da maior liberdade sexual conquistada pelas mulheres nas últimas décadas: um efeito perverso através do qual ela deve ser sexualmente ativa desde muito cedo e saber tudo sobre relacionamentos, sedução e sexualidade, mas não em nome de seu próprio desejo e sim para encenar uma “performance” aos seus pares e assim ser mais desejável pelos meninos e mais invejável pelas meninas, porém não podemos perder de vista que existe uma linha muito tênue, a qual a menina não pode ultrapassar, pois se o fizer será classificada como “fácil”. Ou seja, as meninas devem o tempo todo lidar com essa contradição nas suas relações, e procurar encontrar um equilíbrio (se é que ele existe) entre a “descolada” e a “recatada”.

Partindo da ideia de Gagnon (2006), analiso as fontes sociais do processo de aprendizagem

---

<sup>10</sup> Segundo o questionário que apliquei aos alunos, 93% deles possuem acesso à internet em casa.

da conduta sexual, com a concepção de *roteiro sexual*. O autor salienta a importância da identificação e compreensão das regras culturais (explícitas ou implícitas) que estruturam as práticas e comportamentos sexuais, bem como de elementos objetivos e subjetivos que integram essa experiência (como os marcadores sociais de diferença – idade, gênero, raça, cor, etnia, orientação sexual, classe social – ; as expectativas, os sentimentos, as relações de poder, entre outros). Tenho por pressuposto que o prazer é de certa forma uma fonte de poder, no sentido de que toda relação sexual parte de uma negociação e do exercício de poder. Porém, segundo José Olavarría essa negociação traria implícita em muitos casos, uma relação desigual entre os atores, em que a pessoa responsável pelo papel feminino, quando há essa “personagem” (seja biologicamente mulher ou não), teria menos poder de barganha na negociação do jogo e no conseqüente prazer sexual.

Realizei entrevistas com 15 alunos/as e nas narrativas apresentadas pelos jovens, o menino aparece sempre como o protagonista das histórias e a menina desempenha sempre um papel relacional (HEILBORN, 1999), onde suas ações são submetidas à avaliação do grupo (principalmente do parceiro). O prazer entra nessas narrativas como o lugar do “não-dito”, pois não há conversas sobre isso entre os casais, mesmo entre os homossexuais.

Os meninos não procuram saber sobre o prazer de suas parceiras, uma vez que estas não tocam nesse assunto. A menina com quem só se fica uma vez, não é “digna” de preocupação “*se é qualquer uma, foda-se, eu tive o meu prazer e quero que ela se foda!*” (Cauã, 18 anos), porém, quando é uma garota conhecida, com a qual eles “ficam” há mais tempo<sup>11</sup>, a preocupação existe no sentido de que eles se sentem os “fodões”<sup>12</sup> por proporcionar prazer à menina, em nenhum momento a parceira aparece como um personagem autônomo da narrativa e sempre o prazer dela é relacionado à potência sexual dele. Nesse sentido, a história de Carlos, 19 anos, é bastante elucidativa: ele ficou durante duas semanas com uma menina e percebia que durante as relações sexuais, ela não tinha orgasmo, “*eu notava, mas eu nunca cheguei a falar nada...*” (tampouco a menina comentou o assunto), no entanto, em uma das vezes que eles ficaram juntos, ele percebeu que algo diferente estava acontecendo, pois as pernas dela começaram a tremer, ela ficou branca e ofegante, mas ao invés de continuar a narrativa falando que a menina teve um orgasmo, ele completa: “*ah, até que enfim né (que ele a viu sentindo prazer)...Eu gostei, gostei...Foi aí que eu vi, parei assim e falei: pô, sou foda, velho!Eu sou foda!*”.

Das meninas entrevistadas, cinco já tiveram experiências sexuais, destas, duas disseram nunca terem tido um orgasmo, sendo que ambas namoram. Aline, 16 anos, é homossexual e namora

---

<sup>11</sup> Para os jovens, esse “ficar mais tempo” significa que eles estão ficando a uma ou duas semanas com a mesma pessoa.

<sup>12</sup> Expressão usada pelos jovens para designar o menino que tem a “pegada”, ou seja, o garoto que possui um forte sex appeal.

há um ano e três meses. Embora nunca tenha tido um orgasmo, não conversa com a sua parceira (que já teve orgasmos), uma vez que isso não se constitui como um problema para ela, porém, quando questionada sobre o que na sua opinião seria o prazer, já que aparentemente ele não se encerra no orgasmo, ela diz que não sabe o que realmente lhe proporciona prazer, ficando espantada com a própria afirmação. Sobre este casal é importante salientar que Aline pode ser considerada branca e Paula (sua namorada) é negra. As duas formam um par “masculina”/“masculina”, o que segundo FACCHINI (2008) não é bem aceito em diversas redes de sociabilidade homossexual feminina, lembrando que elas não podem ser consideradas “modernas” - única rede acessada na pesquisa de FACCHINI (2008) que pratica esse tipo de parceria – e se enquadram mais numa rede de sociabilidade de classe popular.

Já Fernanda, 17 anos, namora há três meses e já havia tido outros três parceiros sexuais antes do atual namorado, e acha que

“a mulher é muito mais difícil de obter o orgasmo do que o homem, e o homem é bem mais rápido, então o homem tem o orgasmo dele, goza e já era... porque se o homem goza, acabou o homem, acabou tia, não é verdade? (risos) Mano, se o homem goza, acabou o sexo, a mulher tá lá: vai filho da puta! Mas acabou, ele deita e dorme (risos)”<sup>13</sup>.

A única vez que Fernanda teve um orgasmo foi através da masturbação (“*Dá uns negócio mó estranho, né mano, nossa, é mó bom! Você fica mole*” [risos]), que ela não pratica mais, uma vez que só teve essa experiência para se “conhecer”. Na sua narrativa o orgasmo aparece como algo muito distante, quase impossível de se obter junto com o parceiro,

“eu acho que pra você conseguir fazer uma menina ficar com orgasmo é muito difícil... Assim, você tem que ser... Não é “o cara”, mas assim... Vamos dizer assim, todos os homens tem o seu diferencial, né... Então, mas assim tem que ter muita paciência, não tem que pensar só nele e isso não acontece com os homens. Então é bem difícil encontrar um homem que pense em você antes de pensar nele”.

Fernanda não conversa com o namorado sobre isso, mas diz que uma hora essa conversa terá que acontecer, “*porque também ninguém aguenta, não é, tia?*”. Sobre Fernanda é importante salientar que ela é considerada a menina mais sensual da escola, sendo bastante expansiva e tendo sido apelidada de “delicious woman” por alguns garotos<sup>14</sup>.

A falta de conversa acontece também com as meninas que já tiveram orgasmos em suas relações sexuais, na verdade a problemática do prazer, ultrapassa a questão do orgasmo e nesse grupo de jovens algumas já fingiram estarem sentindo prazer (não necessariamente fingem um orgasmo, nenhuma delas relatou que já fingiu orgasmo, embora todas tenham amigas que o façam)

<sup>13</sup> Fiz a transcrição fiel às falas dos entrevistados/as, por isso o uso de gírias e palavrões.

<sup>14</sup> Ao final da entrevista, já com o gravador desligado, continuei conversando com Fernanda que comentava comigo as posições sexuais que mais gostava e me perguntava como poderia obter mais prazer com o seu namorado. Nesse momento chega uma outra aluna da escola, muito amiga dela, que ao ouvir sobre o que conversávamos, disse: “*você está me saindo uma bela de uma puta, hein Fernanda*”. Isso pode nos dar pistas sobre a imensa regulação que ainda se exerce à plena autonomia sexual por parte das próprias meninas.

quando não estavam, *“a gente acaba fingindo que tá com muito prazer, mas não é tudo isso... Eu finjo para não deixar o cara mal e para ele me chamar de novo, senão ele pode pensar: ah, ela nem tá mais com vontade, então vou procurar outra”* (Helena, 17 anos). Além de fingirem sentir prazer, as jovens também relataram que algumas vezes mantêm relações sexuais quando não estão com vontade, novamente Helena exemplifica a situação:

“Eu já fiz sem vontade, acho que foi porque eu tenho muito afeto por ele e não quero dizer não. Aí eu vou e faço. A última vez que eu fiz com ele, eu tava muito sem vontade, muito mesmo. E aí eu sentia que tava uma coisa chata, meio parada, é muito ruim”.

“Não deixar o cara mal”, “pra ele se sentir bem” aparecem constantemente no discurso das meninas quando indagadas do porquê que as garotas fingem que estão sentindo prazer. E os meninos concordam, *“as meninas fingem para agradar o cara, com certeza! Total! Não tem o que falar disso! Porque as meninas, querendo ou não, elas querem ter orgasmo, não tem essa: Não eu não quero...Ah tá!”* (Fábio, 16 anos); *“Sei lá porque as meninas acabam fingindo...Às vezes pra não magoar o parceiro né? Eu ficaria magoado...”* (Cauã, 18 anos). Esse “ficar magoado”, explica-se no sentido de que o garoto, sabendo que não satisfaz a parceira, sente sua virilidade ameaçada, uma vez que *“a gente vai achar que não sabe fazer”* (Breno, 18 anos). No grupo focal esse ponto ficou muito explícito, pois todos concordaram que uma menina que porventura dissesse a eles que não sentiu prazer seria classificada como *“malvada”*. É interessante notar que o prazer masculino nas relações sexuais é tido como *natural*, não necessitando ser problematizado: *“o homem sempre sente prazer, é automático, é sempre bom, estamos sempre dispostos”* (Bruno, 18 anos).

A masturbação (sobretudo a feminina), o prazer auto-erótico, ainda é um tema tabu para os jovens. Apenas duas meninas disseram que já se masturbaram, mesmo assim, frisando que já não o fazem mais. As representações que todas as entrevistadas têm sobre o assunto, de alguma maneira desembocam no que poderíamos chamar de “nojo” do próprio corpo:

“Pra eles seria uma coisa normal, pra menina não, se a menina fala: já me masturbei, olham pra ela com uma cara tipo: sua nojenta” (Fernanda, 17 anos).

“Nunca me masturbei, nunca! Já tive curiosidade, mas aí não sei, aí...não! E inclusive meu ex-namorado, eu tava transando com meu ex-namorado e antes a gente já tinha conversado sobre isso e ele perguntou e eu falei que não. Aí a gente tava lá e ele pegou a minha mão e colocou lá e eu comecei a gritar: Para Maurício! Eu tirei a mão e falei assim: não!!! Que nojo!!!” (Karina, 16 anos).

Outro fator que contribui para que as meninas não se masturbem são as opiniões que os meninos têm sobre o assunto:

“é mais pelos meninos, que se souberem vão falar: ah, sua siririqueira! Vão ficar zoando, sabe... A gente não fica, e aí punheteiro, mas os meninos iam cair, nossa! Ficar zoando...É bem a cara de menino fazer isso, mas tudo bem” (Karina, 16 anos).

“A menina não pode fazer nada de errado. Pro homem já é mais certo, e daí que o homem sente prazer? Ninguém questiona. Agora, se a mulher sente prazer, eu acho que é mais 'criminalizado', vamos dizer assim” (Camila, 16 anos).

E de certa forma, elas têm razão. Todos os meninos entrevistados disseram “achar estranho” uma menina se masturbar, “*a menina fica mal visada*” (Carlos, 19 anos). Numa situação de namoro, a masturbação feminina parece ser encarada pelos garotos como um sinal de que eles “não estão dando conta” e dessa forma vista de maneira negativa, “*eu acho que não tem necessidade, porque mano, o que eu dou já é o suficiente...Não precisa disso!*” (Carlos, 19 anos).

Já a masturbação masculina é compreendida como um “*fato dado*” para os jovens, tanto meninas e meninos acham *natural* que o menino tenha experiências auto-eróticas antes de iniciar sua vida sexual com parceiras. Porém, é interessante destacar que a masturbação masculina não está relacionada com a afirmação da virilidade. Muito pelo contrário, a maioria dos garotos afirmaram que se masturbavam quando eram virgens e que agora “*não precisam mais disso*”, uma vez que podem encontrar parceiras sexuais. O exercício da masturbação ficaria restrito aos garotos “*feinhos*” e “*nerds*” que não conseguiriam “pegar ninguém”. Dessa forma, entendendo que a “própria masculinidade é internamente constituída por assimetrias (como heterossexual/homossexual ) e hierarquias (de mais ou menos masculino), em que se detectam modelos hegemônicos e variantes subordinadas” (ALMEIDA, 1996), podemos perceber que os garotos que se masturbam depois de terem “perdido” a virgindade, são considerados por seus pares como “menos viris”, uma vez que não possuem acesso a parceiras sexuais reais.

O uso de preservativos também foi um tema recorrente na conversa que tive com os alunos, pois todos concordam que o seu uso diminui a sensação de prazer durante as relações sexuais. Desse modo, em algumas situações, acabam abrindo mão do seu uso:

“(…) sem camisinha é bem melhor! Várias, nossa! Várias vezes... Esse foi o meu problema, várias vezes a gente fazia sem... Tomei pílula do dia seguinte umas quatro, cinco vezes... Ai, mas é porque assim... Camisinha não faltava, mas a gente sempre caía naquela: ai, só um pouquinho e esse pouquinho vira mais um pouquinho e no final a gente não colocava...” (Karina, 16 anos).

“Eu não gosto, eu não consigo ter um orgasmo com camisinha, é raro eu ter um orgasmo com camisinha... Mas, eu tenho que usar, né? Com quem eu não conheço. Com quem eu conheço, eu não uso...” (Bernardo, 17 anos, homossexual).

“Eu acho que a camisinha realmente diminui o prazer... É bem melhor sem...” (Cauã, 18 anos).

A princípio as meninas têm medo de manter relações sexuais sem preservativos, porém conforme vão “conhecendo” o parceiro, passam a “confiar” nele e seu uso é deixado de lado:

“Quando a gente usava era um saco, eu falava, mas se deixasse por ele toda vez a gente teria feito sem camisinha, porque é ótimo, mas eu falava 'não'... No começo quando a gente começou a namorar, quando eu perdi minha virgindade, a gente só fazia com camisinha, depois que eu fui relaxando e depois praticamente todas as vezes a gente foi sem” (Karina, 16 anos).

Desse modo tanto a confiança no menino (que em todos casos insistiu muito para que elas experimentassem o não uso do preservativo) e o “clima” do momento, fazem com as garotas abram mão desse método que para esses jovens é mais contraceptivo do que preventivo para DST/AIDS. Uma gravidez não desejada é uma realidade muito mais próxima para eles do que a contaminação por alguma doença. Sendo assim, todas as meninas entrevistadas que possuem uma vida sexual ativa já fizeram o uso da pílula do dia seguinte, “já usei pílula do dia seguinte, foi com o Walter.. A gente não usou camisinha porque ele não gosta” (Fernanda, 17 anos).

### **(In)Conclusões**

As relações estabelecidas pelos jovens e suas narrativas sobre elas, trazem à tona o quanto a hierarquia de gênero ainda é operante dentro dos relacionamentos sexuais/amorosos. O gênero é entendido como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas a partir de como as diferenças biológicas entre “homens” e “mulheres” são percebidas e como essas diferenças são organizadas em termos de relações de poder (SCOTT, 1990). Um achado empírico muito interessante é que nas relações homossexuais parece que esse modelo também opera, por exemplo quando observamos a história de Aline com sua namorada. Entretanto, a fala de Bernardo (16 anos, homossexual) desconstrói um pouco essa noção: “*muitas vezes o prazer e a vontade do parceiro devem estar em primeiro lugar, mesmo eu gostando de ser ativo, coloco o prazer do outro na frente do meu*”. O indivíduo “passivo”, neste caso, ganha predominância sobre o “ativo”, nesse sentido Bernardo estaria operando categorias inerentes ao modelo igualitário proposto por Peter Fry (1982).

A esta pesquisa foi fundamental para que eu pudesse entrar em contato com os jovens e começasse a amadurecer alguns tópicos discutidos no decorrer do texto, além de me chamar atenção para outras temáticas que estão intrincadas mas ultrapassam a questão do prazer: a importância dessa experiência que se dá no corpo; o próprio corpo como local de mostrar sua identidade<sup>15</sup>, a falta de contato das garotas com seu próprio corpo apesar de seus discursos “liberais” e a performatividade de gênero e sexual presentes nesse universo ainda podem trazer muitas reflexões. Para o presente artigo procurei não me estender muito afim de que o limite de páginas fosse respeitado, porém a pesquisa se desdobra com outras perspectivas<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> Aqui é importante salientar que não se trata de procurar uma substancialidade para a noção de identidade, mas sim de perceber se e como os sujeitos constroem para si mesmos (e para os outros) essa ideia de núcleo coerente do eu, a qual chamam de identidade, conceito que sabemos ser cambiante, situacional e que se encontra sempre em processo.

<sup>16</sup> A pesquisa continuará devido minha aprovação (na turma 2011) para o mestrado em antropologia social

Por fim, gostaria de ressaltar que com o advento da AIDS, as pesquisas acerca da sexualidade juvenil, inclusive na própria antropologia, sofreram uma importante influência de modelos com abordagens biomédicas. Reconheço a importância das pesquisas nessa direção. Entretanto, minha proposta de pesquisa visa fugir desse tipo de abordagem, que na minha opinião muitas vezes trabalha em cima de modelos normativos, procurando divulgar a forma “correta” e “segura” de se vivenciar a sexualidade. Vejo como legítima a preocupação de pais e educadores sobre a sexualidade dos jovens, mas, pretendo sair do lugar comum da prevenção de DST/AIDS e gravidez, pois acredito que a sexualidade vai muito além disso e existem outros fatores sociais importantes a serem analisados. Um grande campo de estudos se abre...

### ***Referências Bibliográficas***

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*, São Paulo, Ed. Scritta, 1994.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si. Uma interpretação antropológica da masculinidade*, Lisboa, Fim de século, 1995
- \_\_\_\_\_. Gênero, Masculinidade e Poder: revendo um caso do sul de Portugal. In: *Anuário Antropológico/95*, Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, pp. 161-189, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. “Gosto de classes e estilo de vida”. In: *A Distinção – Crítica social do julgamento*. São Paulo, EDUSP, 2007.
- BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2004.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade e diferenciação. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n.26, pp. 329-376, 2006.
- BUTLER, Judith. “Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do 'sexo'”. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 1999.
- \_\_\_\_\_. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo: ensaios sobre noções de poluição e tabu*. Lisboa, Edições 70, 1976.
- FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2008 (Tese de Doutorado).
- FIGUEIREDO, Regina; PUPO, Lígia; ALVES, Maria Cecília; ESCUDER, Maria Mercedes. *Comportamento sexual, uso de preservativos e contracepção de emergência entre adolescentes do município de São Paulo: um estudo com estudantes de escolas públicas de ensino Médio*. São Paulo, Instituto de Saúde, 2008.
- FRAVET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. In: *Cadernos de Campo*, n.13, São Paulo, USP, pp. 155-161, 2005.
- FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- GAGNON, John H. *Uma interpretação do desejo: ensaios sobre sexualidade*. Rio de Janeiro, Garamond Universitária, 2006.
- GEERTZ, Clifford. “Um jogo absorvente: notas sobre as brigas de galos balinesas”. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Editora LCT, 1989.



GIDDENS, Anthony. *A transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, Ed. UNESP, 1992.

GOLDMAN, Márcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. In: *Revista de Antropologia*, v.17, n.48, São Paulo, USP, pp. 445-476, 2003.

HEILBORN, Maria Luiza. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina Maria (orgs). *Sexualidades brasileiras*, Rio de Janeiro, Ed. Relume Dumará, 1996.

\_\_\_\_\_. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, Maria Luiza (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.

\_\_\_\_\_. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro, Garamond Universitária, 2004.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. FioCruz, 2008.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac&Naify, 2003.

\_\_\_\_\_. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac&Naify, 2003.

MEYER, Dagmar; KLEIN, Carin; ANDRADE, Sandra. “Sexualidades, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas”. In: *Educação em Revista*, n.46, Belo Horizonte, 2007.

MOORE, Henrietta. Understanding sex and gender. In: INGOLD, Tim. *Companion Encyclopedia of Anthropology*, Londres, Routledge, 1997. (Tradução para fins didáticos de Júlio de Assis Simões “Compreendendo sexo e gênero”).

\_\_\_\_\_. Fantasias de Poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. In: *Cadernos Pagu*, Campinas, n.14, pp. 13-44, 2000.

PIROTTA, K. Et all. “A educação sexual na escola: elementos para uma avaliação dos esforços realizados”. In *BIS – Boletim do Instituto de Saúde*, n.46, São Paulo, Instituto de Saúde, 2008.

OLAVARRÍA, J. “Desejo, prazer e poder: questões em torno da masculinidade heterossexual”. In BARBOSA, Maria e PARKER, Richard. *Sexualidades pelo avesso: direitos, identidades e poder*. Rio de Janeiro, IMS/UERJ, Editora 34, 1999.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: *Revista de Antropologia*, v.39, n.1, São Paulo, USP, 1996.

RIETH, Flávia. “A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens”. In: *Horizontes Antropológicos*, n.17, Porto Alegre, 2002.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*, Porto

Alegre, n.16 (2), pp. 05-22, 1990.

\_\_\_\_\_. O enigma da igualdade. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n.13 (1), pp. 11-30, 2005.

SILVA, Kelly. O poder do campo e seu campo de poder. In: BONETTI, Aline e FLEISCHER, Soraya. *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis, Ed. Mulheres, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2007.

VANCE, Carole: A antropologia redescobre a sexualidade – um comentário teórico in: *PHYSIS. Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.5, n.1, pp.07-31, 1995.

WACQUANT, Löïc. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 2002.

WEEKS, Jeffrey: O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (org.). *O corpo educado- pedagogias da sexualidade*, Belo Horizonte, Autêntica, 2000.